



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da sede do Sindicato dos Comerciários de São Paulo

São Paulo – SP, 21 de maio de 2006

Meu querido companheiro e amigo, Ricardo Patah, presidente do Sindicato dos Comerciários do estado de São Paulo,

Meu querido companheiro ministro da Previdência Social, Nelson Machado,

Meu querido companheiro, líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante,

Meus queridos companheiros deputados federais Luiz Antônio Medeiros, Jamil Murad, Luis Eduardo Greenhalgh,

Meu caro prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab,

Meus companheiros deputados estaduais aqui presentes, vereadores,

Meu caro Paulo Pereira, presidente da Força Sindical,

Meu caro Guilherme Afif Domingos, presidente da Associação dos Comerciários de São Paulo,

Meu caro João Felício, presidente da CUT,

Alemãozinho, presidente da ADS,

Meus caros companheiros dirigentes sindicais, Pegado, Feijóo e tantos outros que estão aí, Guiba, ex-delegado regional do Trabalho, Márcio Chaves Pires, atual delegado regional do Trabalho,

Meu caro Magri, ex-ministro do Trabalho,

Meus amigos e minhas amigas, comerciários e comerciárias de São Paulo e do Brasil, porque aqui estão presentes São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Pernambuco, Minas Gerais e adjacências. Outros não se apresentaram e, portanto, não sei se estão aqui ou não.



Eu fiquei ouvindo os rápidos discursos dos companheiros que me antecederam e fiquei imaginando se a dona Vitória Fontes Travassos está aí, porque foi a primeira mulher a ficar sócia do sindicato há muitos anos. Se ela estivesse aqui, ela poderia fazer uma comparação entre os discursos que os dirigentes sindicais fazem hoje e os discursos que a gente fazia há 30, 40 ou 20 anos. Eu vivi, como dirigente sindical, possivelmente um dos melhores momentos que um dirigente sindical pode viver. Ainda não era na era Medeiros, ainda não era na era Paulinho, na era Marinho, na era Feijóo, na era Felício. Eu me sinto um pouco, embora bem mais novo do que todos eles, pai de uma situação criada no Brasil.

Uma situação, meu caro Juruna, que era difícil de acreditar que a teoria permitisse que nós tivéssemos feito o que fizemos no movimento sindical, na década de 70. Os entendidos dos sindicatos naquela época, sobretudo os teóricos, imaginavam que ao tomar posse no sindicato, nós não iríamos conseguir fazer nada porque a estrutura sindical era cópia fiel da “Carta de Trabalho, de Mussolini” e, portanto, nós iríamos ficar dentro de um círculo vicioso e não iríamos conseguir fazer nada.

O que não estava escrito é que, pela primeira vez, a categoria metalúrgica do ABC elegeu para presidente do sindicato o homem que não tinha os vícios da teoria, até então predominante no movimento sindical. Uma pessoa que tinha até então um compromisso com os metalúrgicos que eu representava e, portanto, o que me interessava era falar a linguagem da categoria que eu representava, sem importar quem se ofendesse ou não. Houve muita polêmica.

O dado concreto é que, na década de 70, nós mudamos a história do Movimento Sindical Brasileiro. Mudamos a história do Movimento Sindical Brasileiro fazendo aquilo, Patah, que você disse que começou a fazer. Não existe sindicato forte se a categoria não tem no sindicato a sua referência de representação junto ao Estado e junto aos empregadores. Porque senão você



deixa de ser um sindicato de representação dos interesses dos trabalhadores e passa a ser um sindicato de carimbo, vivendo apenas por conta do imposto sindical.

O sócio às vezes dá trabalho, porque quando o sindicato começa a ter muitos sócios, começa muito mais gente a vir ao sindicato, muito mais gente a exigir da diretoria, muito mais gente quer participar das assembleias, muito mais gente quer brigar, muito mais gente quer colônia de férias, muito mais gente quer dentista, ou seja, o povo quer de tudo, e isso deixa o sindicato numa efervescência saudável, eu diria, extraordinária. E quando você inaugura uma sede, aqui no nosso querido Vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo, você está permitindo que os trabalhadores do comércio da capital encontrem essa porta aberta durante muitas horas do dia para, aqui, vir conversar com os seus companheiros, mas também vir trazer as suas reclamações.

Eu estou começando isso porque houve um tempo em que eu defini, na minha cabeça, que o sindicalismo... que o sindicato era um órgão eminentemente de contestação. O fato de a gente ir na porta de fábrica falar mal do empregador e falar mal do governo já nos dava o direito de dizer que éramos bons dirigentes sindicais. Hoje, o sindicato precisa ser algo mais do que apenas um sindicato de contestação. Obviamente que ele pode contestar e é o papel dele. Mas, obviamente que um papel sagrado do sindicato hoje é, além de contestar, ter capacidade de fazer propostas que possam significar melhoria para a sua própria categoria.

E é por isso que nós criamos o Fórum Nacional do Trabalho, representado pelos sindicatos, pelo governo e pelos empregadores para que a gente possa, democraticamente, encontrar as soluções para os problemas que, às vezes, estão acontecendo no Brasil desde a década de 40. É importante que a gente se lembre de quando é a nossa estrutura sindical, de quando é a nossa legislação trabalhista: tudo vem da década de 40. Então, é preciso, não



de forma autoritária, porque ficaria muito fácil o presidente da República e a sua turma fazerem uma Medida Provisória e mandar, do jeito que eu entendo que devam ser as mudanças, mas a gente poderia fazer aquela chamada lei que não pega. No Brasil tem muito isso, você faz a lei e ela não pega. Não pega porque ela não está de acordo com os interesses da maioria da sociedade.

Esse Fórum Nacional já produziu uma proposta de reforma sindical, está no Congresso Nacional, ainda tem algumas divergências. As divergências serão dirimidas dentro do Congresso Nacional, na convergência dos dirigentes sindicais com os deputados, para ver qual é o tipo de estrutura sindical que a gente precisa. Possivelmente, ela não atenda os interesses de 100% dos que estão participando do movimento sindical mas, também, só Cristo pode ter unanimidade. Mesmo assim, na Santa Ceia ele não teve, porque teve um traidor lá.

Então, o que nós precisamos ter consciência é de que as coisas vão acontecer na medida em que haja uma evolução na consciência também dos dirigentes sindicais e dos trabalhadores. Sairá a reforma sindical, eu não tenho dúvida, sairá mudança na legislação trabalhista brasileira sem que a gente crie algum prejuízo para os trabalhadores brasileiros. Mas nós estamos no século XXI, na era da informática, na era da química fina, na época das fibras óticas, ou seja, nós não podemos ter a mesma legislação que a gente tinha na década de 40, quando o Brasil estava começando o seu processo de industrialização. Como combinar essas mudanças, não perguntem ao presidente da República. Vocês é que têm que elaborar essa reforma trabalhista. Como a questão do trabalho aos domingos, Patah. O Barga me dizia agora há pouco: “olha, Presidente, a gente chegou perto de um acordo, teve um problema, vamos demorar um pouco mais”. Mas, o ideal é que o acordo seja feito e que os trabalhadores tenham ganhos, que os empresários possam ganhar e que o sindicato esteja satisfeito com o resultado, porque senão não dá certo.



Então, fazer essa combinação em torno de uma mesa é mais difícil do que um decreto-lei, é mais difícil do que uma medida provisória, é mais difícil do que um projeto de lei. Eu poderia mandar um projeto de lei, eu mandaria um que atende o Patah, pediria para um deputado, para o Medeiros, mandar um que atenderia o Ministério do Trabalho, pediria para o Aloízio Mercadante fazer um que atendesse a outra turma, ou seja, tinha um monte de projetos e passavam-se 15 ou 20 anos e não acontecia nada. Se nós quisermos que aconteça, nós vamos ter que ser mais criativos, acreditar mais na nossa capacidade de negociação, fazer as coisas acontecerem, e eu não tenho dúvida nenhuma de que vão acontecer. Todo mundo sabe que é ruim trabalhar aos domingos, mas todo mundo sabe que os turistas, as pessoas, adoram fazer compras aos domingos. Encontrar um meio termo que possa dar ao comerciante e à comerciante o direito de ter o domingo para descansar, mas também dar ao povo o direito de poder escolher o dia que quer comprar, é tentar encontrar a perfeição e isso só acontecerá com maturidade, com muita capacidade de conversa e com muita disposição de acertar.

Uma outra coisa importante que eu queria dizer para vocês é que não existe nada fácil no mundo. Eu, pelo menos, estou acostumado: na minha vida, nunca teve uma conquista fácil. Nunca, nem no movimento sindical, nem na vida. E eu queria dizer para vocês o seguinte: toda vez que a gente quiser analisar a situação do Brasil, nós precisamos fazer uma avaliação histórica do Brasil. Precisamos fazer uma avaliação em que a gente possa escolher a data que a gente quiser. Podemos pegar 1930, podemos pegar 1940, 1950, e eu estou disposto a me sentar com quem quer que seja para a gente analisar em que momento da história do Brasil nós vivemos o momento propício que estamos vivendo agora, com uma combinação de fatores tão positivos na área econômica que, poucas vezes.

Eu queria lembrar aos dirigentes sindicais da minha idade, ou um pouquinho mais velhos do que eu. Quando a gente fizer discurso no futuro, nós



temos que nos lembrar que nós começamos este século com duas décadas perdidas. Nós temos que nos lembrar que passamos 20 anos, de 1980 a 2000, foram praticamente 20 anos perdidos neste país. Quem estava no movimento sindical, quem trabalha, no mundo, sabe o que aconteceu neste país nesses 20 anos. E nós tomamos uma decisão de não fazer mágica, porque não falta mágica neste país. Para nós, a forma de consertar o país era tratar o povo brasileiro como a gente trata a família da gente, e era administrar os bens deste país como a gente administra o salário de cada um, de cada casa, porque a gente sabe que só pode gastar o que tem. Quem gasta o que não tem sabe que vai quebrar a cara no mês seguinte, que vai precisar tomar dinheiro emprestado. E, tomou dinheiro emprestado, não vai conseguir se safar.

O dado concreto é que hoje nós estamos em uma situação que o Brasil pode se orgulhar. Pagamos o FMI, pagamos o Clube de Paris, pagamos os títulos da moratória do Sarney, de 1986, e ainda temos 61 bilhões de dólares de reserva. Somos donos do nosso nariz. Não precisamos pedir favor a ninguém para que a gente possa elaborar a nossa política econômica.

De vez em quando a gente fica analisando e eu fico pensando o seguinte: quem é que se lembra das políticas sociais existentes no Brasil? Nós saímos, meu caro Afif, de 7 bilhões de reais gastos em programas sociais, para 22 bilhões de reais gastos em programas sociais. Só o estado de São Paulo, e eu vou dar o número aqui, sobre o estado de São Paulo. No programa Bolsa Família, o governo federal cuida aqui, no estado de São Paulo, que é o estado mais rico da federação, nós cuidamos de 854 mil famílias, o que dá um total de quase 4 milhões de pessoas. Ou melhor, de quase 24 milhões de pessoas. Pessoas que recebem mensalmente uma ajuda, pessoas que têm obrigação de colocar o seu filho na escola, pessoas que têm a obrigação de fazer, quem estiver grávida, o exame pré-natal, pessoas que têm a obrigação de dar vacinas nos seus filhos, senão não recebe. Só na cidade de São Paulo, são 164 mil famílias que recebem o Programa.



Tem muita gente... eu digo sempre que não tem investimento melhor, e às vezes não aparece num primeiro momento... eu dizia sempre, Kassab, que no Brasil muitas vezes os políticos não gostavam de fazer obras de saneamento básico. Você tem que enterrar o dinheiro, você enterra a manilha, enterra o tubo e ninguém vê, você não pode colocar nome de ninguém num tubo lá embaixo da terra. Nós preferimos fazer o investimento em gente, porque no dia em que as pessoas tomarem café, almoçarem e jantarem todos os dias, essas pessoas terão força para dar o passo seguinte e aí vão mais para o sindicato, vão ter mais empregos. E é importante ver o crescimento da indústria em São Paulo, é importante ver o que aconteceu em São Paulo e o que está acontecendo no crescimento de emprego em São Paulo. E vai crescer mais, porque as bases estão colocadas para crescer.

Vou pegar um outro dado, que eu comentava com o prefeito Kassab. No ano passado, o Kassab não era o prefeito, era vice-prefeito, nós oferecemos para a cidade de São Paulo e para a cidade do Rio de Janeiro. Para a cidade de São Paulo nós oferecemos o equivalente a 30 mil vagas para que a Prefeitura buscasse adolescentes de 17 a 24 anos na periferia que não tivessem concluído o ensino fundamental. Que trouxesse esse jovem para estudar e nós pagaríamos 100 reais para esse jovem, ele poderia fazer trabalho comunitário e aprenderia uma profissão.

Por problema político, meu caro Kassab, eu tenho certeza que isso vai ser resolvido. A cidade de São Paulo, até agora, só preencheu 7 mil dos 30 mil colocados, e a cidade do Rio de Janeiro não preencheu nem os 7 mil. Talvez porque é um programa do governo federal e eu não estava preocupado se era do governo federal ou não, eu estava preocupado que o que aconteceu na semana retrasada em São Paulo não é o resultado apenas da falta de policiais, como alguns acham que é. É resultado do que foi plantado neste país na década de 80, porque aqueles que estavam lá, aqueles que estavam lá praticando violência, na década de 80, ou não tinham nascido ainda ou tinham



quatro anos de idade. E todos nós estávamos: “nossa, que criança linda, que criança bonitinha, que criança maravilhosa”. Só que não se investiu corretamente na formação profissional dele, não se investiu corretamente na educação dele, e o resultado do plantio malfeito e malcuidado é a predominância de um jovem cair na criminalidade e na marginalidade.

Aí entra outro dado, a Usp, meu caro Afif, e todo o sistema de educação pública neste estado de São Paulo, não têm mais que 98 mil alunos. Nós, só com o ProUni, em 14 meses, colocamos aqui no estado de São Paulo 64 mil vagas para jovens da periferia terem acesso à universidade, dos quais 40% jovens, meninas e meninos negros que antes eram marginalizados. Mais ainda, fizemos uma extensão da Universidade Federal de Medicina para Santos, fizemos uma extensão para Diadema, estamos fazendo a Universidade Federal do ABC, e fizemos a extensão da Universidade Federal para Sorocaba. Fizemos a extensão da Universidade Federal para Guarulhos e vamos fazer a extensão da Universidade Federal para Osasco, para que a gente possa dar ao maior centro urbano e industrial do país a possibilidade dos nossos adolescentes, ao terminarem o ensino fundamental, terem acesso a uma escola.

É importante, Patah, você saber porque você tem muitos adolescentes na sua categoria. Neste país, em 1998, o governo entendeu que não deveria ter mais responsabilidade pelo ensino técnico e, praticamente, se deixou de fazer escolas técnicas neste país. Tomou-se como atitude, Paulinho, fazer convênio com ONGs, fazer convênio com sindicatos, fazer convênio com prefeituras ou com o estado para que tivesse escola técnica. E, nem sempre o sindicato tinha o dinheiro, nem sempre a ONG tinha dinheiro.

Pois bem, este ano nós vamos inaugurar 32 novas escolas técnicas, porque mandamos revogar a lei que proibia o governo federal de fazer escola técnica. Da mesma forma que aumentamos para nove anos o tempo de permanência de crianças no ensino fundamental. E por que estamos fazendo



isso? Porque cada tijolo que a gente colocar em uma escola será um tijolo a menos em uma cadeia que nós teremos que fazer neste país. Ou nós acreditamos na futura geração e plantamos agora o que vamos colher daqui a 15 ou 20 anos, ou nós ficaremos apenas preocupados com o que aconteceu no passado, sem a gente plantar. E pode colocar policial na rua à vontade. Pode colocar, que esse problema da violência já é um problema cultural que precisa muito mais do que polícia para resolver, muito mais.

Eu quero aqui, de público, dar a minha solidariedade ao governador Cláudio Lembo, pela postura que ele teve. Ele não podia fazer mais do que fez, não podia fazer. O governo federal não poderia vir aqui sem pedir ao Governador, por isso nós oferecemos. Senão seria intervenção, e não pode haver intervenção, tem que haver o pedido do Governador. E, ainda há pouco... quero dizer para vocês que o Cláudio Lembo não veio aqui por outro problema, mas ainda há pouco estive com ele no aeroporto e disse para ele: "Cláudio, o que você precisar, não se faça de rogado. Nós estamos dispostos a ajudar com o que a gente tiver para ajudar".

Agora, quero dizer para vocês que não é um problema fácil. Quando um cidadão está preso... E aqui, Afif, uma coisa que me deixa constrangido, a sua mulher, a mulher do Paulinho ou a mulher do Aloízio Mercadante, neste momento, se estiver em um shopping fazendo compras, ela estará sendo filmada. Se ela for em qualquer lugar, está sendo filmada. Agora, por que os bandidos têm a liberdade de fazer o que bem entendem, e a gente não tem o controle deles? Por que o advogado não quer sequer ser registrado quando vai visitar um preso? Então é preciso que a gente medite, com mais profundidade, na solução que nós queremos para esse problema. Eu, quando vejo na televisão, cada vez que você vai mudar um bandido de um lugar, desses mais perigosos, eles gastam mais do que a viagem de um presidente da República.

Então, o problema não é do governador, o problema não é do presidente ou do prefeito, o problema é da sociedade brasileira. Nós estamos colhendo o



que foi plantado neste país e, se nós quisermos resolver isso, precisamos assumir a responsabilidade dos passos que nós vamos dar. É por isso que nós estamos investindo nessa questão do adolescente neste país, para ver se a gente consegue produzir uma geração muito mais eficaz, do ponto de vista do aprendizado, que ela possa trabalhar e que ela possa ganhar sua vida como todo mundo deveria ganhar, trabalhando com o seu suor e com o seu sangue.

Eu acho que o Brasil que nós desejamos é um Brasil que não permite mais que a gente fique encontrando culpados para as coisas erradas. As coisas certas não têm problema, todo mundo quer ser pai. Todo mundo quer fazer um DNA para ver quem é o pai da coisa bem feita. Agora, quando as coisas não dão certo, ninguém assume, e eu acho que nós temos que assumir as coisas boas e as coisas ruins.

Hoje, eu posso dizer para vocês, dentro do Sindicato dos Comerciários, que o movimento sindical brasileiro nunca viveu um momento de participação no centro de decisões como vive agora, nunca. Eu fui dirigente sindical durante muito tempo, aqui tem muito dirigente sindical. Eu conheço alguns mais velhos do que eu e outros mais novos do que eu, e poucas vezes na história o movimento sindical teve as condições de participação que tem hoje.

O Magri até poderia querer deixar, mas não havia concordância no conjunto do governo. No nosso não, no nosso, está aí. O Marinho é um ministro do Trabalho muito especial, porque as pessoas podem divergir do Marinho por qualquer outra coisa, mas o Marinho é um homem da melhor qualidade, muito aberto a tudo e eu acho que nós temos que aproveitar essa chance, meu caro, nós temos que aproveitar. Ou fazemos acontecer agora, ou daqui a muitos anos vamos lamentar não termos aproveitado a oportunidade.

Meu querido Patah, eu vim à inauguração da sua sede, primeiro, por respeito a você. É uma reciprocidade de carinho a uma pessoa que nunca quis saber qual é o pensamento ideológico do Lula. E eu, muito menos, quis saber se algum dia você era filiado, se era católico, se era corinthiano. Se eu



soubesse que era santista eu não tinha vindo porque eu sou corinthiano, mas eu nunca quis saber.

Eu não meço a minha relação de amizade, nem por religião, nem por clube de futebol e muito menos pelas centrais sindicais a que a pessoa é filiada. Eu meço a minha relação de amizade pelo caráter das pessoas, meço a minha relação de amizade pelo caráter das pessoas e quero te dizer, Patah, que os comerciários de São Paulo estão de parabéns por ter na presidência do seu sindicato um homem do seu caráter, da sua afinidade e um homem que não tem medo dos trabalhadores, porque houve um tempo no Brasil, em que os dirigentes sindicais não gostavam de filiar gente porque era perigoso, era pedir muita coisa. E quando você abre a porta do sindicato e fala: isso aqui é para ser não apenas a casa do trabalhador, mas isso aqui é para ser um pouco da vida do trabalhador, você está fazendo apenas aquilo que todo bom dirigente sindical deve fazer no Brasil.

Muito obrigado a todos vocês, muito obrigado Patah, muito obrigado aos comerciários de São Paulo.